

ANTÓNIO ST AUBYN (1937-2016)

In Memoriam

Luís Saraiva

Departamento de Matemática
Faculdade de Ciências de Lisboa
Seminário Nacional de História da Matemática
e-mail: lmsaraiva@fc.ul.pt



No 24º Encontro do Seminário Nacional de História da Matemática, Escola Naval, Junho de 2011. Da esquerda para a direita: António St. Aubyn, Luís Saraiva e Fernando Dias Agudo.

Este pequeno texto é a minha sentida homenagem a um grande professor da Universidade de Lisboa, presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática entre 1992 e 1994, e, também, um grande amigo, uma amizade que se iniciou há mais de 40 anos.

Transcrevo esta informação da página *web* da SPM¹

“António St. Aubyn era Professor Emérito do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, e Professor Catedrático desde 1979. Nascido em São Nicolau, Cabo Verde, a 10 de Março de 1937, formou-se em Coimbra,

¹<https://www.spm.pt/news/2603>

estando associado à criação dos Centros de Cálculo da antiga Universidade Técnica de Lisboa, no final dos anos 1970, e à fundação do Centro Internacional de Matemática (CIM), em 1990. Representou a SPM na fundação da Sociedade Europeia de Matemática e na sua primeira direção, tendo sido também representante de Portugal na União Matemática Internacional.”

Estou a escrever este texto no estrangeiro, sem poder ter acesso a materiais que poderiam dar outra dimensão e este testemunho. Mas como é importante que algo sobre o Professor St Aubyn saia neste número do *Boletim*, limitar-me-ei às minhas memórias pessoais. Falarei daquilo que fui testemunha directa, do docente que foi do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa,

O Professor António St Aubyn entrou para a Faculdade de Ciências de Lisboa no ano lectivo de 1970/71, vindo integrar o seu Departamento de Matemática. O período que vai aproximadamente da segunda metade dos anos 60 à segunda metade dos anos 70 foi uma época de ouro para este Departamento, pelo núcleo de docentes que conseguiu reunir, um conjunto de professores que, para além de altamente competentes nas áreas que leccionavam, do ponto de vista matemático e didáctico, eram pessoas de cultura, que sabiam transmitir aos seus alunos valores e procedimentos que estavam muito para além das técnicas e conceitos matemáticos que se queria que os alunos aprendessem. Eram professores que não só sabiam explicar a matemática de um modo claro e salientando o essencial do que ensinavam, como no seu modo de se relacionarem com os alunos transparecia toda uma reflexão cultural que, para quem estivesse atento e o quisesse, podia ser um poderoso auxiliar na sua formação humana.

Se se pode dizer que esta geração de professores, com uma ou outra excepção, não fazia a investigação no sentido que hoje é corrente, com publicação frequente de artigos em revistas internacionais com sistema de arbitragem, ela mais do que compensava isso ao preparar sucessivas gerações de alunos para se assumirem como cidadãos e pessoas de cultura, bem como, para os que tivessem vocação, para seguirem a carreira de matemáticos. Podemos dizer que o menos que publicaram foi altamente compensado pelo grande número de alunos que formaram para a vida, e entre eles os muitos que vieram a fazer o seu doutoramento e a seguir a carreira de investigador. Ainda um dia teremos de dar o devido valor a esse grupo excepcional de professores, onde é da mais elementar justiça salientar, para além de António St Aubyn, João Cosme dos Santos Guerreiro, Ernesto Veiga de Oliveira, Maria Luísa Galvão, Margarita Ramalho, José Joaquim Dionísio, e António Simões

Neto, entre os meus professores, José Sebastião e Silva e Fernando Roldão Dias Agudo, entre os que não tive a sorte de ser aluno. Os tempos eram outros, as condições de ensino e o conhecimento matemático dos alunos de então eram totalmente diferentes, mas isto em absolutamente nada invalida o extraordinário valor daquela plêiade de docentes, para mim o ponto mais alto do Departamento de Matemática da FCUL nos últimos 50 anos.

Pois a vinda do Professor St Aubyn no ano lectivo de 1970/71, transferindo-se da Universidade de Coimbra para a de Lisboa, foi logo aproveitada num momento em que se tentava inovar no Departamento de Matemática: os alunos, com o apoio dos professores graduados, dirigiram-se ao Ministério da Educação, tendo em conta que alguns sinais positivos para a ciência tinham vindo do então ministro da Educação, José Veiga Simão (1929-2014), e propuseram uma modificação curricular que acabou por ser aceite: desaparecia uma cadeira de Astronomia, que era dada de forma arcaica (os alunos chegavam à aula e tinham já o quadro completamente escrito, a sua missão era copiar o que estava no quadro durante o tempo lectivo) e propunha-se uma cadeira de Equações Diferenciais, (embora com o nome ambíguo de *Complementos de Matemática com vista às Aplicações*) inexistente no curso, e absolutamente necessária se o Departamento queria ter um currículo que se aproximasse do dos principais departamentos de Matemática europeus. O Professor St Aubyn imediatamente aderiu a esta ideia e prontificou-se a preparar aquela cadeira. Aliás, nesta época cheia de esperanças, como foi o início do marcelismo, o Professor St Aubyn participou activamente na discussão das propostas de modificação curricular da que viria a ser a chamada reforma Veiga Simão.

No meu curso tive a felicidade de ter muitas cadeiras dadas de forma absolutamente primorosa, mas para o meu desenvolvimento pessoal enquanto matemático duas foram fundamentais, ambas no 3º ano do Curso (naquela altura com 5 anos), a de *Análise Infinitesimal II*, do Professor João Cosme dos Santos Guerreiro, que me abriu novos horizontes na minha visão da Matemática, (com uma parte inicial de *Introdução à Topologia* a que se seguiu, de modo desenvolvido, a *Teoria das Funções de Variável Complexa*) e a de *Equações Diferenciais* (como se disse atrás, era este o conteúdo da cadeira, não o nome) do Professor António St Aubyn, que foi decisiva para o meu futuro como matemático, pois determinou a minha opção como investigador.

O Professor Antonio St Aubyn leccionou um curso completamente extraordinário, em que, aula a aula, expunha a matéria com uma enorme clareza, aliando a profundidade dos assuntos abordados a uma elegância de processos

de demonstração e desenvolvimento da matéria abordada absolutamente singular. Em particular nesta cadeira ficou bem expressa a conexão profunda que existe entre a Análise e a Álgebra, e o auxiliar poderoso que pode ser a segunda para a primeira. Sem qualquer desprimor para os meus restantes professores, alguns dos quais deram cursos de qualidade verdadeiramente excepcional, este curso foi para mim o melhor que tive na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Foi o primeiro ano do Professor St Aubyn na Faculdade de Ciências de Lisboa. Outros se seguiram, em que ele diversificou as matérias que leccionava, das Equações Diferenciais à Análise Funcional, passando pelos vários Cálculos.

Mas esta é apenas uma faceta do Professor St Aubyn. Extremamente acessível aos seus alunos, sempre tentou resolver o melhor que sabia aos problemas que se lhe iam colocando. Fui seu assistente em *Análise Superior I e II* em 1980/81, o ano anterior à minha ida para Inglaterra preparar o meu doutoramento (que ele igualmente muito apoiou), e pude testemunhar o cuidado e o tempo dispensado com os alunos que vinham ter com ele com os problemas mais diversos. Para todos, independentemente do seu cansaço (que às vezes era grande) ele tinha uma palavra amiga, e procurava sempre encontrar solução. Podia às vezes, em conversas que tinha só comigo, ironizar algumas das situações, mas de facto era apenas um escape momentâneo, logo de seguida tentava resolver o problema do aluno da melhor maneira.

Tivemos ainda recentemente a oportunidade de o ver participar num dos Encontros Nacionais do Seminário Nacional de História da Matemática na Escola Naval em Junho de 2011, aquando de uma sessão de homenagem a Bento de Jesus Caraça. Aí apresentou “Aspectos do ensino da Análise e da Álgebra por Bento de Jesus Caraça”, uma exposição feita com a clareza e a elegância que sempre lhe conheci. Foi um reencontro feliz que havia muito estava previsto (pois achava que a sua colaboração sobre a história da matemática portuguesa contemporânea poderia ser importante), mas que vinha sendo repetidamente adiado.

É uma perda grande para o Universidade Portuguesa, para a Comunidade Portuguesa de Matemática, para os seus antigos alunos e para os seus muitos amigos. Pessoas como ele são raras, e por isso nunca devem ser esquecidas.